

Resenha do livro: CORTELLA, Mário Sérgio. **Educação, Escola e Docência: novos tempos, novas atitudes**. São Paulo: Cortez, 2014, 126 p. ISBN 978-85-249-2192-6.

## REPENSANDO A PRÁTICA EDUCATIVA

Eunice Emília Jansons Almeida<sup>1</sup>

**Educação, Escola e Docência: novos tempos, novas atitudes** é um livro que responde algumas indagações que surgem desde o início do magistério – como ensinar e aprender na escola de hoje, cheia de imperfeições. Durante o meu aprendizado como aluna, experimentei diversos métodos de ensino, e hoje, faço parte de um contingente enorme de professores que estão em franca transformação pedagógica, devido ao tempo em que vivemos, tempos de velocidade e mudanças de paradigmas. É necessário atentar para essas mudanças frente ao ensino e aprendizagem de qualidade. Mas antes mesmo de se levar em conta a função de educadora, penso ser urgente a observação da vida, num sentido mais holístico.

Este trabalho do filósofo, escritor, professor universitário e pesquisador, Mário Sérgio Cortella, é mais do que um trabalho do que seria óbvio: como lidar com alguns problemas na educação, na escola e na docência. É, sobretudo, um exercício de tradução da prática como seres humanos; colocado de forma simples e compreensível a qualquer leitor. Principalmente os conceitos teóricos e práticos da filosofia, que são de difícil tradução é uma das tantas virtudes da obra.

De fato, é corriqueiro que os educadores, em todos os níveis, ao fim de um bimestre, semestre, ou até um ano analisem a condição da educação e do

---

<sup>1</sup> Licenciada em Letras pela Fundação Municipal do Ensino Superior Bragança Paulista (1995); licenciada em Pedagogia pela Universidade São Francisco Bragança Paulista (2001); especialista em Língua Portuguesa pela PUC/SP (2004). Atualmente é docente na Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas de Extrema – MG. E-mail: jansonsalmeida@ig.com.br

ensino, da sua própria prática e no Brasil: O que falta? Política pública? Trabalho em conjunto? De quem? Quem são os responsáveis por esse processo? O que se demanda de cada um de nós, individualmente, como cidadãos? É disso que, com muita naturalidade, este breve livro trata, como se estivesse conversando com um amigo, a fim de levá-lo a crescer, a avançar. Sem ser superficial nem simplista, o autor se apresenta com a segurança de quem tem longa experiência neste tipo de assunto. Uma das experiências marcantes que faz dele um porta-voz da sociedade brasileira é ter sido Secretário Municipal de Educação em São Paulo (1991-1992) e autor de outras obras como *A Escola e o conhecimento* (Cortez); *Nos labirintos da moral*, com Yves de La Taille (Papyrus); *Não espere pelo epitáfio: provocações filosóficas* (Vozes); *Não nascemos prontos!* (Vozes); *Sobre a esperança: diálogo com Frei Betto* (Papyrus); *O que é a pergunta?*, com Silmara Casadei (Cortez), entre outras tantas publicações.

O livro possui 13 capítulos recheados de citação de poetas, filósofos, educadores. Já nas páginas iniciais, o autor alerta para as medidas urgentes na prática da Educação, “(...) precisamos rever, olhar de outro jeito alterar o modo como fazemos e pensamos as coisas (...) (p.9)”, sem se esquecer da devida cautela, a fim de evitar um problema ainda maior. Educar, segundo o autor é manter os olhos no futuro, observar as mudanças e não estagnar.

Mário Cortella aponta para uma realidade triste e conhecida de todos, o descompasso em que a escola se encontra. A prática do passado deve ficar no passado, pois está ligada àquelas condições de então, àqueles estudantes da época. Deve-se ter em mente a ação coletiva possível a partir do hoje, não o imediatismo (ímpeto) e nem a imobilização (cautela), e sim a harmonia entre ambos.

O autor “fala” conosco, os docentes. Não adianta sermos saudosistas; somos agentes de mudança. E há os que resistem a ela, na medida em que a nossa prática se perpetua num círculo sem fim. Aponta-nos a diferença entre ser flexível e ser volúvel, em que a primeira é atitude de quem “é capaz de alterar determinadas posturas sem perder a rota” (p.33).

Mais adiante, ele aponta sobre a busca das “novas atitudes”: humildade e coragem, que não é a ausência do medo. Coragem seria, na perspectiva do autor, a capacidade de enfrentar o medo, que pode servir para alertar ou nos paralisar. A coragem é tão importante como atitude que nos permite rever o que fazemos principalmente no espaço da sala de aula, enquanto trabalhamos. Isso gera a Humildade ao admitir que não sabemos tudo, que estamos em processo de conhecimento também; e, em outro nível, gera uma virtude que é a generosidade, a capacidade de partilhar.

A educação escolar é para gente humilde, porque sabe que pode crescer, tanto para alunos, quanto para professores. Quando alguém tem coragem de dizer “não sei”, mostra-se verdadeira inteligência, pois a dúvida é que deve imperar na escola e não a certeza. Quem tem certeza já não precisa estar lá, já sabe de tudo. Aliás, o termo “*alumno*” quer dizer “aquele que está amamentando, sendo nutrido”.

O autor ainda considera que não podemos fechar os nossos olhos para as mudanças ao nosso redor, que são velozes; e questiona, por que não mudar o jeito de ensinar? A problemática recai sobre o que vem a ser novo e novidade. A educação tem sido seduzida pela novidade. Aqui cabe uma palavra do autor na palestra de apresentação do livro: “O pensamento de Paulo Freire é novo, mas não é novidade, ou seja, é antigo, mas não é velho. O que é velho deve ser descartado, por não possuir valor; o que tem valor, deve ser guardado”.

Algo que preocupa alguns docentes é o entendimento sobre tecnologia e como lidar com ela na vida dos alunos. O escritor pontua que a tecnologia é distrativa e não formativa, embora considere que não é a tecnologia que moderniza uma mente, mas uma mente não ignora a tecnologia quando necessária.

Ele considera ainda “A disciplina é necessária para aprender e a democracia não é ausência de ordem, mas a ausência de opressão”. Há uma observação a ser feita: todo docente deve promover a autonomia no aluno, ao ponto em que ele agirá conforme aprendeu. Mas a falta de disciplina gera a soberania, ou até a tirania permitindo com que alguns alunos façam o que bem

entendem no espaço escolar. Há momentos em que a tecnologia deve ser trabalhada, porém falta conectar-se ao interesse do aluno para que ele preste atenção numa aula expositiva, quando ela é necessária.

Mário Cortella ainda nos adverte sobre a participação dos pais na formação dos filhos junto à escola. Os “novos tempos” que ele aponta são o da escola se tornar interessante como a vida fora dela o é.

O fato é que o adensamento de tarefas do professor resulta na perda de paciência. O risco aqui é o professor se encontrar desanimado. Por isso, a solução seria a instituição da “escola de pais”: reuniões regulares e ativas dos pais com a escola, professores e coordenadores. Juntos, eles formarão não só intelectualmente o filho/aluno, como também formarão um novo cidadão, solidário às questões ambientais, sociais, enfim, alguém com valores essenciais. A questão levantada não é se a escola vai ou não ensinar valores, mas quais são os valores importantes a serem ensinados.

Ao fim, o autor nos faz refletir sobre ser educador no século XXI. Para alguns é uma atividade frenética e cansativa que tem o seu fim ao longo de anos de correria, sem a remuneração suficiente; para outros, é a oportunidade de repartir com o aprendiz o que sabe e ganhar com essa interação aquilo que não tem. Citando Beda (673-735), um santo da igreja anglicana, que disse haver três caminhos para o fracasso: a) não ensinar o que sabe; b) não praticar o que ensina; c) não perguntar o que não sabe, o autor propõe a inversão desses três caminhos: a) generosidade mental; b) coerência ética; c) humildade intelectual, a fim de apontar o que seria a meta da educação hoje pelos docentes.